

GUERRAS DE PARADIGMAS

Uma Entrevista de Ken Wilber¹

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega

QUEST: Acho que não ouvi uma palavra mais usada ou excessivamente usada na última década do que "paradigma". O que exatamente é um paradigma?

KW: O termo foi introduzido cerca de trinta anos atrás [contados a partir de 1989] pelo sociólogo Thomas Kuhn, em um livro muito influente chamado *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Um paradigma, como Kuhn usou o termo, tinha um significado muito preciso. Ele não o usava como a maioria das pessoas agora o usam, particularmente os seguidores da Nova Era, como um tipo de "superteoria" ou "visão de mundo". Ele o definiu como uma prática social ou um exemplar específicos – um tipo de injunção ou experimento. Porém, recentemente, passou a significar, na mente popular, um tipo de visão geral massiva, superteoria ou visão de mundo.

QUEST: Então, isso significa que não existem paradigmas?

KW: Bem, visões de mundo com certeza existem. Desse modo, Freud tinha um novo paradigma, uma superteoria original. Conheço várias pessoas que estão trabalhando em um "novo paradigma", no sentido de uma nova visão de mundo. Jay Ogilvy e Peter Schwartz, por exemplo, estão escrevendo um livro intitulado provisoriamente *The Politics of Paradigms*. Eles percebem que, atualmente, estamos passando por uma mudança de paradigma que está se tornando evidente em todos os tipos de campos e disciplinas. Markley e Harman publicaram *Changing Images of Man*, em que traçam o desenvolvimento histórico de várias visões de mundo importantes. Eles também acreditam que estamos no meio de uma mudança de paradigma. E há Marilyn Ferguson, Fritjof Capra e outros...

¹ Entrevista publicada na revista *QUEST*, Primavera de 1989, pp. 6-12. (N.T.)

Eu sou um grande fã de Ogilvy e Schwartz, e acho que há pontos excelentes, e até brilhantes, em suas posições. Mas não creio que exista nada parecido como consenso nas várias disciplinas de que eles falam. Eu concordo com Markley e Harman de que precisamos de uma nova imagem do homem, e quase concordo como deveria ser essa imagem: ela seria evolutiva ou desenvolvimental, admitiria estados de ser superiores e espirituais; seria inclusiva em vez de exclusiva, eclética em metodologia e estudaria tanto estados subjetivos quanto objetivos; incluiria valores e seria hierárquica [holárquica], abrangente e unificada. Só acho que essa nova imagem não está causando muito impacto – e não causará – por décadas, talvez séculos.

A questão é que o mundo está agora entrando, inteira e completamente, na dimensão mental. A grande "mudança de paradigma" já aconteceu – é a "Terceira Onda", a "Era da Informação", a revolução do computador. Levaremos várias centenas de anos para trabalhar essa mudança, para coletivamente "descascar" a dimensão mental, antes de estarmos prontos para um paradigma genuinamente espiritual, um paradigma verdadeiramente abrangente e transcendental. Portanto, há um novo paradigma – não no sentido forte de Kuhn, mas no sentido vago, como "visão de mundo". Mas já aconteceu – e ele é mental, não espiritual. É mental global, não espiritual transcendental.

QUEST: Assim, há um novo paradigma – mas não no sentido forte sugerido inicialmente por Kuhn. Algumas pessoas sugerem que, na verdade, seu trabalho descreve esse paradigma. O Dr. C. M. Kleisen, da Holanda, escreveu: "Adotar a visão da realidade que [Wilber] apresenta remodelaria a ciência em muitas disciplinas diferentes e de muitas formas diversas. Ela não só abre áreas de pesquisa completamente novas, notadamente a transpessoal, como também fornece novas perspectivas, sugere novas questões e abordagens em disciplinas já existentes, notadamente nas 'ciências humanas', e parece oferecer um novo quadro explicativo para novos desenvolvimentos e pensamentos recentes em diversos campos da investigação científica como, por exemplo, nos campos da física, biologia, ciências humanas, e também em campos como criatividade, intuição, imaginação e inspiração, no momento ainda considerados bastante esotéricos. E, pelo menos potencialmente, o paradigma transcendental de Wilber fornece explicações para toda uma classe de fatos bem estabelecidos da experiência que, sob o paradigma

atual, permanecem inexplicáveis. Além disso, introduz novas formas de aquisição e acumulação de conhecimento na ciência, como na época de Galileu. ..." Soa como o novo paradigma.

KW: O que o Dr. Kleisen diz sobre as implicações dessas ideias é correto, mas não é esse o ponto. A questão é que essas ideias simplesmente não estão tendo um impacto revolucionário *no mundo inteiro*, nem é provável que o tenham por décadas. Eu adoraria ver o mundo adotar com entusiasmo um paradigma mais integral; penso que ele é abrangente, equilibrado, lógico e faz justiça ao espectro completo da existência humana. Mas, honestamente, não acho que o mundo esteja maduro para algo coletivamente espiritual. Algumas pessoas, sim. Mas parte da implicação de um "paradigma" é que ele tem um impacto global, em todos os níveis da sociedade. Se essas ideias fossem adotadas mundialmente, poderiam ocorrer mudanças importantes e benéficas. A questão é: elas serão amplamente adotadas em um futuro previsível? Creio que não.

QUEST: Na verdade, você está dizendo que o mundo não está pronto para uma filosofia espiritual e integral.

KW: Eu diria apenas que o mundo tem outras tarefas a cumprir primeiro, na dimensão mental, antes de poder mover-se, coletivamente, para a dimensão espiritual. Esta não é uma observação depreciativa. O mundo tem de fazer o que precisa fazer. Assim como tivemos de cultivar o físico – desenvolvendo a agricultura e depois a indústria – antes que conseguíssemos passar coletivamente para o mental, agora temos de cultivar o mental – informações, computadores e tecnologia – antes de seguirmos além para o espiritual. Francamente, acho que o mundo está se movendo em um ritmo perfeito.

QUEST: Você sugere que existem diferentes paradigmas (no sentido geral) em cada nível de desenvolvimento – que diferentes visões de mundo surgem e se dissolvem à medida que evoluímos através do espectro da consciência.

KW: Sim, exatamente. Cada estágio de desenvolvimento, cada emergência evolucionária, introduz novas dimensões de existência, novas formas de conhecimento, novos desejos, novos medos, novas percepções, novos modos de espaço e tempo, novas motivações, novas sensibilidades morais e assim por diante. Por isso, uma das coisas que tentei fazer, em

vários livros, foi traçar exatamente o tipo de visão de mundo ou paradigma que é mais característico de cada uma das ondas de desenvolvimento.

QUEST: Você poderia explicar isso, estágio por estágio?

KW: Normalmente, descrevo uma versão simples do espectro – matéria, mente e espírito – ou uma versão ligeiramente expandida – matéria, corpo, mente, alma e espírito. Cada um desses níveis subdivide-se em vários subníveis.

Para esta discussão, considerarei o nível da matéria como um nível único. Entretanto, ele poderia ser dividido em partículas subatômicas, átomos, moléculas e assim por diante, mas isto não é necessário aqui. Nos seres humanos, o nível da matéria é o nível do corpo físico, incluindo sua fisiologia, bioquímica, nutrição, sistema muscular e esquelético, etc.

Subdivido o nível da vida/corpo em três subníveis: sensação, percepção e impulso ou emoção. Como esses níveis de desenvolvimento ainda são bem juniores, tendemos a compartilhá-los com outros animais. Por exemplo, compartilhamos sensação e percepção com répteis e anfíbios, e compartilhamos emoções rudimentares (ou "paleoemoções") com mamíferos. É por isso que, no modelo do cérebro trino, os dois níveis mais baixos são chamados de cérebro reptiliano e cérebro paleomamífero. O terceiro e mais elevado, o neocórtex, é distintamente humano ou mental – que é nosso próximo nível, a mente.

O nível da mente é dividido em cinco subníveis – imagem, símbolo, conceito, regra e metarregra. Uma *imagem* é uma concepção mental que representa o objeto mais ou menos "parecido" com o próprio objeto. Por exemplo, se você fechar os olhos e formar a imagem mental de uma árvore, essa imagem se parecerá mais ou menos com uma árvore real. É uma operação mental bem simples – a mais simples, na verdade. As imagens começam a surgir, em um bebê, por volta dos sete meses. O próximo subnível na dimensão mental é o símbolo. Um *símbolo*, ao contrário de uma imagem, é uma representação não pictórica, geralmente, mas nem sempre, verbal, que denota um objeto sem se parecer com ele. Por exemplo, chamo meu cachorro de Fido; mas a palavra "F-i-d-o" não se parece em nada com o Fido real. Mesmo assim, a palavra denota Fido de maneira muito eficaz. Portanto, é uma tarefa mental mais difícil (e mais elevada) do que simples imagens. Os símbolos começam a surgir na criança por volta dos dezoito

meses com a palavra "não". Em seguida, vem o *conceito*, que denota não apenas um objeto, como Fido, mas uma classe de objetos, como "cachorro". "Cachorro" refere-se a todos os cães possíveis, refere-se a uma classe. Este é um conceito; ele não apenas denota, mas conota. Os conceitos começam a surgir por volta dos três a quatro anos. O próximo é a *regra*. Uma regra não é apenas um símbolo ou um conceito. É uma operação, o que Piaget chamou de "pensamento operacional concreto". Uma operação que inclui coisas como adição, divisão, multiplicação, etc. Regras também envolvem uma compreensão das regras sociais e dos papéis que devo desempenhar. Portanto, as regras são muito importantes. Elas começam a surgir por volta dos sete anos na maioria das crianças. Por fim, no domínio mental, há *metarregras*, ou o que Piaget chamou de "pensamento operacional formal". O pensamento operacional formal *opera sobre* regras e objetos mentais. É "pensamento sobre pensamento". É abstrato, mas também bastante "onírico", no sentido de que pode imaginar todos os tipos de possibilidades. Mais importante – e isso é crucial – tem *perspectiva*. O indivíduo consegue se colocar no lugar de outra pessoa; ter uma visão tolerante e pluralista; realizar trabalho hipotético-dedutivo ou experimental (é a primeira estrutura que consegue fazer isso); e ser altamente introspectivo. Isto é, grosso modo, o que chamaríamos de "racionalidade" ou "razão". Na maioria das pessoas, surge entre onze e quinze anos de idade.

Neste ponto, adiciono um estágio. Você pode pensá-lo como o estágio mental superior ou o estágio inferior da alma; não importa. Eu o chamo de nível "existencial" ou nível do "centauro". Este nível é marcado por *visão-lógica* ou lógica unificadora, que opera sobre o pensamento operacional formal e, portanto, produz sistemas abrangentes, inclusivos e holísticos. O nível anterior, o racional, tende a ser divisor e analítico, enquanto este nível é inclusivo e integrador. Eu o chamo de "centauro" porque é o primeiro nível onde a "mente humana" e o "corpo animal", normalmente em desacordo, são integrados em um todo único, como o centauro mítico. Como Loevinger, Broughton e vários outros demonstraram, este é o primeiro nível em que, citando Loevinger, "mente e corpo são experiências de um eu integrado". Esse "eu pessoal integrado" é o centauro.

Agora, pulamos para a alma ou dimensões sutis. Eu divido a alma em dois domínios principais, o psíquico e o sutil. O psíquico é o início do

desenvolvimento genuinamente transcendental ou espiritual. Eventos paranormais ou *siddhi*² podem ocorrer aqui, mas não necessariamente. A dimensão psíquica é simplesmente a dimensão inicial do envolvimento espiritual, qualquer que seja a forma que assuma. A dimensão psíquica opera por *visão* panorâmica e panenênica [tudo-em-um]. Enquanto a *visão-lógica* precisa raciocinar laboriosamente sobre as conexões holísticas, a *visão* percebe as conexões quase que instantaneamente. Aurobindo escreveu extensivamente sobre *visão-lógica* e *visão*, e baseio-me nele a esse respeito.

Em seguida, temos a dimensão sutil propriamente dita. O sutil é o lar dos arquétipos, no sentido platônico, budista e agostiniano. É também o domínio das iluminações audíveis, iluminação espiritual, *nada*,³ *shabda*,⁴ domínios experienciais de conhecimento ascendido (*Brahmaloka*) e de consciência expandida. Esta é a alma propriamente dita, o ponto mais elevado da identidade individual, além do qual está a liberação total do nó da alma no próprio espírito absoluto. E esse é o nível final, o nível do espírito. Seguindo o Vedanta, também o chamo de nível causal, uma vez que ele é a causa e o suporte de todos os níveis inferiores. Às vezes, o causal é descrito, pelas várias tradições, como sendo o próprio nível derradeiro, totalmente não manifesto e além do causal (*turiya*). Somente o contexto pode dizer como o termo está sendo usado. Por isso, tecnicamente, divido-o em causal "baixo" e "alto", mas não precisamos entrar nesses detalhes aqui.

QUEST: O mapa que você acabou de nos apresentar não é "invenção" sua, mas sim uma síntese de mais de cinquenta sistemas do Oriente e Ocidente.

KW: Sim, é uma espécie de "modelo mestre", baseado na maioria dos grandes sistemas religiosos e psicológicos do mundo. Ele considera cada sistema, compara e contrasta com outros, e, então, usa cada um para preencher os buracos ou lacunas dos demais. O resultado, creio eu, é um sistema bem abrangente, ou pelo menos plausível, de validade transcultural.

² *Siddhi* é uma palavra sânscrita que significa "realização". (N.T.)

³ *Nada* é uma palavra sânscrita que significa "som", "tom". (N.T.)

⁴ *Shabda* é uma palavra sânscrita que significa "som da fala". (N.T.)

QUEST: OK, agora podemos entrar nas diferentes visões de mundo ou "paradigmas" de cada um desses níveis?

KW: Sim, cada nível tem uma perspectiva diferente da realidade. Costumo usar a metáfora de uma escada para o espectro; cada degrau da escada tem uma visão diferente da área circundante. Se você subir uma grande escada, terá um ângulo "mais elevado" do mundo a cada degrau. Isto é exatamente o que acontece no desenvolvimento, tanto psicológico quanto histórico. As principais visões de mundo são a arcaica, a mágica, a mítica, a racional, a existencial, a psíquica, a sutil e a causal. Elas estão correlacionadas às ondas de desenvolvimento. Se você tem apenas matéria, sensação, percepção, emoção e imagem – os primeiros níveis – então, sua visão de mundo é arcaica. Se você adicionar símbolos e conceitos, sua visão de mundo muda para mágica. Adicione regras, ou pensamento operacional concreto, e a visão mágica dá lugar à mítica. Adicione o pensamento operacional formal e a mítica dá lugar à racional. Adicione visão-lógica e a racional dá lugar à existencial. E assim por diante: a psíquica (com visão), a sutil (com arquétipo) e, finalmente, a causal (com o não manifesto). Portanto, cada uma das principais ondas de desenvolvimento tem sua visão de mundo ou paradigma peculiar e distinto.

Desse modo, você já sabe o que é passar por uma mudança de paradigma, porque em cada estágio do próprio crescimento e desenvolvimento de um indivíduo, ele passa por pelo menos uma. Como adulto médio, você já passou do paradigma arcaico para o paradigma mágico, para o paradigma mítico, para o paradigma mental ou racional.

Catástrofes estão sempre à espreita e é por isso que temos tantas vítimas ao longo do caminho. A psicologia freudiana inteira, por exemplo, nada mais é do que um entendimento das primeiras duas ou três grandes mudanças de paradigma na psique, que ocorrem na infância, e uma compreensão de como essas revoluções se complicam e como os enredos do desenvolvimento continuam a causar estragos no adulto.

QUEST: Vamos, então, começar pelo arcaico e mágico, e ir avançando.

KW: OK. O arcaico é particularmente marcado por sua consciência turva de dualidades – sujeito versus objeto ou dentro versus fora. Não há evidências, por exemplo, de que o bebê consiga dizer onde termina seu eu

e onde começa o ambiente. O bebê é um com a mãe, um com o mundo. Este *não* é um estado místico. O estado místico é ser um com todos os degraus da escada: materiais, emocionais, mentais e espirituais. O estágio arcaico é apenas uma fusão material, apenas uma união com o primeiro degrau. Como disse Piaget, "O eu aqui é material, por assim dizer. ..." E, filogeneticamente, essa imersão onírica na natureza física foi, provavelmente, o estado do "amanhecer do homem" e, possivelmente, está por trás de todos os mitos do Éden de se ser um com a natureza em uma espécie de paraíso físico. Claro, isso deve ser superado antes que qualquer crescimento ou desenvolvimento posterior possa ocorrer.

QUEST: Quando o arcaico é superado, emerge o mágico.

KW: Sim. E nos indivíduos dos tempos modernos, se o arcaico não for superado – se houver uma fixação no estágio arcaico devido a repetidos traumas, frustrações ou disfunções fisiológicas – o resultado geralmente será vários tipos de *psicose*, como a esquizofrenia. O indivíduo não consegue dizer onde seu corpo termina e onde começa a cadeira, ele tem alucinações, a fronteira entre o eu e os outros colapsa, e assim por diante. Não há nada de paradisíaco nisso. Mas, para a maioria das pessoas, entre as idades de dois e quatro anos, o arcaico arrefece e a visão de mundo mágica emerge. E isso acontece simplesmente porque começam a surgir símbolos e conceitos. A criança desperta para um indivíduo separado – não no sentido de uma pessoa introspectiva, mas no sentido de uma autopercepção corporal diferenciada do ambiente em geral e da mãe em particular.

QUEST: Por que é chamado de "mágico"?

KW: Porque, como o eu e o mundo físico são pouco diferenciados, eles permanecem muito próximos e "magicamente envolvidos" um com o outro. Imagens e símbolos que representam coisas muitas vezes ainda estão fundidos e são confundidos com as coisas que representam. No vodu, por exemplo, se você enfia um alfinete em um boneco, você machuca a pessoa real. Esta é a base da "magia"; manipular um símbolo é controlar ou manipular magicamente o objeto que ele representa. Por isso, há muita grandiosidade narcisista nesse nível. Como, até então, o eu era "um com" o mundo, ele pensa que pode controlar ou dominar o mundo inteiro. Como disse Margaret Mahler: "narcisismo em seu auge!" Todas as histórias mágicas estão cheias de feitos mágicos – você consegue voar, consegue

atingir uma pessoa apenas apontando o dedo para ela, consegue materializar o que quiser do nada, e assim por diante.

QUEST: Mas você não acredita em milagres, por exemplo?

KW: Claro. Mas milagres reais são raros, e temos de dar conta dos bilhões de ocasiões em que as pessoas pensam que podem voar, mas não conseguem. Isso é mágico. Nos primeiros anos de crescimento é natural, normal e perfeitamente saudável. Também era perfeitamente saudável para homens e mulheres adultos, duzentos mil anos atrás, quando o mágico era o nível mais elevado que a evolução havia alcançado. Mas hoje, se essa estrutura não for superada – se for repetidamente traumatizada ou frustrada, ou se houver um mau funcionamento fisiológico – o resultado será toda uma classe de problemas emocionais conhecidos como "borderline", ou seja, limítrofes entre psicoses e neuroses.

QUEST: E quanto ao nível mítico?

KW: Na maioria das crianças, a estrutura mágica arrefece e a mítica começa a emergir por volta dos cinco a sete anos, com o surgimento da próxima estrutura básica, a estrutura de "regra" ou "papel", a estrutura operacional concreta. Uma mudança fascinante ocorre neste ponto. O eu continua aprendendo a se diferenciar do meio ambiente com cada vez mais clareza. Portanto, seu narcisismo e sua onipotência continuam *diminuindo*. O eu não pensa mais que pode ordenar o mundo ao redor, ou voar, ou materializar coisas. Ele transfere essa crença mágica para figuras reais ou imaginárias do meio ambiente. Eu não consigo mais mover o mundo, mas Deus consegue! A outra coisa sobre o mito concreto-literal é que, em geral, ele possui uma estrutura narrativa, ao contrário da magia. Desse modo, um panteão de deuses, deusas, espíritos e demônios – todos considerados de uma forma absolutamente concreta – entra em cena. A mágica é dominada por impulsos e imagens, com poucos símbolos e conceitos e por isso tende a centrar-se no presente. Você *faz* mágica, puf! Mas você *narra* mitos; normalmente, eles são *histórias*. O eu conta histórias, e se entende por suas histórias, por causa dos papéis que desempenha e das regras que segue. Mágica é "puf!"; mito é "era uma vez..."

QUEST: Portanto, você discorda da crença de Jung de que os mitos são essencialmente religiosos?

KW: Esta é uma questão bem complicada. Deixe-me apenas dizer que acredito que Jung, frequentemente, confundiu arquétipos transracionais com formas míticas pré-rationais, e essa confusão distorceu sua compreensão da espiritualidade. Mas essa, na verdade, é outra história... Agora estou falando sobre a estrutura de desenvolvimento mítico-concreta. E embora *alguns insights* espirituais possam ser expressos por meio da estrutura mítica, de longe a maior parte dessa estrutura dela é pré-razional, concreta, não espiritual e não transcendental – e é a isso que estou me referindo agora. Se o nível mítico não for superado – se for traumatizado ou frustrado – o resultado são vários tipos de *neurose*. Resumindo de maneira simplista, a fixação/ruptura no nível arcaico produz *psicoses*, no nível mágico, *transtornos borderline* e no nível mítico, *neuroses*. A neurose é um mito inconsciente; é uma história falsa e distorcida que você subconscientemente conta a si mesmo, como "Não sou bom, não valho nada. Se eu fizer isso, Deus me punirá. Por pensar em sexo, eu sou mau e deveria me sentir culpado. As forças que existem vão me punir por isso" e assim por diante. Neurose é toda dor, ansiedade, culpa e depressão que geramos ao contar a nós mesmos histórias falsas e distorcidas, ou mitos.

É por isso que a abordagem cognitiva para a maioria das neuroses é tão eficaz: você desvela as histórias ou mitos que as pessoas estão contando a si mesmas e usando a razão – o próximo estágio mais elevado – desfaz os mitos. Você demonstra que eles simplesmente não são verdadeiros, que a preponderância de evidências mostra claramente que são falsos. Isto pode ser difícil, porque todos nós, neuróticos, estamos apegados aos nossos mitos – "a neurose é uma religião privada", disse Otto Rank – e temos medo de abandoná-los. A ideia mítica é que Deus o punirá se você parar de acreditar. Além do mais, se você se aprofundar na maioria dos seus mitos, muitas vezes também encontrará sobras de sementes de magia. Você pensa: "odeio essa pessoa" e, no dia seguinte, ela morre de ataque cardíaco e você se sente péssimo. Para a estrutura mágica, um pensamento é o mesmo que uma ação. A mágica e o mito nunca desaparecerão inteiramente; a questão é não se deixar dominar por eles. Quando o mito – como estou usando o termo – começa a dominar, a neurose vem logo atrás.

QUEST: Como a mente regra/papel sustenta a estrutura mítica?

KW: Tecnicamente, uma regra é uma operação cognitiva sofisticada que permite, por exemplo, multiplicar ou dividir números.

QUEST: Você poderia dar alguns exemplos concretos?

KW: Se você pegar uma criança de sete ou oito anos, alguém que acabou de desenvolver a mente regra/papel, e você disser que A é maior que B e B é maior que C, a criança será capaz de concluir que A é maior que C. A criança pré-operacional ou mágica não consegue fazer isso. Ou outro exemplo: se você pegar um copo baixo e largo e um copo alto e fino, encher o primeiro copo com água e, em seguida, despejar a água no segundo copo, a criança pré-operacional dirá que o copo alto tem mais água, embora a quantidade de água seja exatamente a mesma em ambos os copos e ela tenha observado a passagem da água de um copo para o outro. Ela não tem uma regra que lhe permita conservar o volume mentalmente. A criança mítica sim, e dirá imediatamente que os dois copos contêm a mesma quantidade de água.

QUEST: E quanto aos "papéis"?

KW: Se você pegar uma criança pré-operacional (ou mágica) e colocar uma bola com uma metade vermelha e outra verde entre você e ela, com uma cor voltada para a criança, e perguntar "que cor você vê?", a criança dirá a cor que ela está vendo, digamos, vermelha. Em seguida, você vira a bola até a outra metade e a criança dirá "verde" corretamente. A criança sabe que a bola tem duas metades coloridas. Agora, com a metade verde voltada para a criança, você diz: "Que cor eu estou vendo?" e a criança dirá "verde". Em outras palavras, a criança não consegue se colocar mentalmente no seu lugar, *não consegue assumir o papel do outro*. Mas quando a mente regra/papel emerge, por volta dos sete anos, a criança dará imediatamente a resposta certa. O senso moral da criança muda de "impulsivo" ou "o que eu quiser" para o que é chamado de "conformista" ou "convencional". Isso se deve à emergência da mente regra/papel.

QUEST: Como a mente regra/papel sustenta uma visão de mundo mítica?

KW: Normalmente pensamos na estrutura mítica como extremamente imaginativa e onírica, e o nível racional como árido e sem imaginação. Na verdade, é exatamente o oposto. A estrutura mítica, apesar de todos os seus deuses e deusas, seus demônios e espíritos, é de fato muito concreta e literal. Acredita nesses mitos como uma questão palpável, não como simbólica e visionária. Moisés realmente abriu o Mar Vermelho,

Cristo realmente nasceu de uma virgem, Deus realmente fez chover maná do céu e assim por diante. Bem concreto e sem imaginação, como demonstra a pesquisa de James Fowler. Este é o pensamento operacional concreto. Você pode constatar isso não apenas nos grandes mitos do mundo, mas nas próprias ações da criança mítica. Por exemplo, pegue uma criança mítica e coloque três copos na frente dela, cada um contendo diferentes líquidos incolores, e diga-lhe: "Dois desses líquidos, quando misturados, ficarão vermelhos. Como você pode descobrir quais são?" A criança mítica experimentará, cuidadosa e laboriosamente, cada combinação de dois líquidos. Ele se sentará e começará a misturar os vários líquidos. Mas um adolescente operacional formal, com cerca de quinze anos, simplesmente dirá a você: "Eu tentaria A com B, a seguir A com C, então B com C." Em outras palavras, ele consegue *imaginar mentalmente todas as possibilidades*. Ao contrário de seu antecessor mítico, ele consegue visualizar soluções sem ter de experimentá-las concretamente. É na adolescência que a imaginação real e o idealismo juvenil – perceber todas as possibilidades, todos os "e se" – surgem pela primeira vez. Esta é uma grande revolução cognitiva, a superação do mito concreto pela razão simbólica e pelo sonho não literal. Esta é uma metarregra.

QUEST: Então, por que pensamos que o mito é tão libertador, ou tem tanta liberdade, se na verdade ele está tão ligado e preso ao concreto?

KW: Porque nós olhamos para ele do ponto de vista da razão. Ou seja, pegamos a liberdade da razão e a misturamos com os aspectos fantásticos do mito, e o resultado é uma noção romântica do mito como imaginativo, livre e transcendental. Mas quando você está realmente na estrutura mítica, não é nada disso. Ela é obstinada, concreta e muito sem imaginação. É fundamentalista.

QUEST: E quanto à estrutura racional propriamente dita?

KW: Como dissemos, é a primeira estrutura a compreender possibilidades ou declarações "e se" e "como se" – tecnicamente, é chamada de hipotético-dedutiva. Essa é a estrutura que descobriu a ciência, a medicina, a física, porque é a primeira estrutura disposta a experimentar. Em segundo lugar, é autorreflexiva e introspectiva; é a primeira estrutura forte o suficiente para olhar para si mesma, pelo menos em alguns aspectos. Isso pode ser assustador. E por último, ela entende perspectiva ou pluralismo. Ela compreende que a "verdade" nem sempre está pronta e

bem definida, como um evento concreto com apenas uma maneira de olhar para ele, mas que a verdade é baseada na perspectiva de alguém e está aberta a diferentes interpretações. Um senso aguçado de verdade interpretativa – tecnicamente chamado de "hermenêutica", a ciência da interpretação – passa a existir. Isso não acontece na estrutura mítica porque sua capacidade de assumir perspectivas está apenas começando; ela consegue assumir os papéis de outros, mas não consegue, da mesma forma, sustentar e equilibrar todos eles em mente, que é o que o perspectivismo racional faz. É por isso que os crentes míticos – fundamentalistas, por exemplo – simplesmente não aceitam nenhuma verdade além da sua. Eles não conseguem dizer: "Todas as religiões oferecem perspectivas diferentes e valiosas de Deus." Eles somente conseguem dizer: "Com toda certeza, meu caminho é o único." E eles realmente pensam que serão eternamente condenados se não acreditarem nisso. É um caminho bastante perigoso e beligerante – tempos de guerras santas.

QUEST: Então, o que acontece se você ficar preso no nível racional? No nível arcaico, era *psicose*; no mágico, *borderline*; no mítico, *neurose*.⁵ O que acontece se você ficar preso no racional?

KW: Em princípio, nada, porque o racional é o estágio que a evolução em geral atingiu até agora. Portanto, a maioria das pessoas para por aqui. Nenhuma estrutura superior – psíquica, sutil ou causal – começará a emergir automaticamente. Se quiser ir além do racional, você deve ir por conta própria. Você tem de se esforçar, trabalhar e lutar intensamente.

Mas se você encontrar problemas no nível racional, o resultado será uma "crise de identidade". Uma vez que você não é mais definido apenas pelos papéis e regras da sociedade, quem é você? Muitas pessoas em nossa sociedade enfrentam uma crise de identidade, porque, deixadas por conta própria, não têm certeza de quem são. Esta é uma luta por *autonomia* e *autoestima*.

QUEST: Se você renuncia à visão de mundo racional, o que a substitui?

KW: Você pode regredir, o que acontece com frequência. Você ressuscita algum tipo de mito ou sistema de crença concreto e se apega a

⁵ Neste relato simplificado, estou combinando o Fulcro-3 e o Fulcro-4.

ele para salvar sua vida. Como diz o chiste: "desisti de procurar a verdade, agora estou apenas tentando encontrar uma boa fantasia". Sempre que a boa razão e a boa vontade de homens e mulheres são abaladas, em geral surgem mitos para substituí-las.

QUEST: Então, vamos supor que o desenvolvimento continue avançando, não retrocedendo.

KW: Se seguir em frente, você vai além de uma crença exclusiva na racionalidade. A racionalidade em si pode permanecer e tem algumas tarefas importantes a cumprir, mas você não está preso a ela. Se você superar o paradigma puramente racional, uma visão de mundo mais existencial-humanística começa a emergir. Ela tem três características muito específicas e inconfundíveis. A primeira é a integração mente-corpo, ou unidade organísmica, que chamo de "centauro". Estudos desenvolvimentais confirmam repetidamente uma integração mente-corpo neste ponto. A segunda é marcada pelo que chamei de "visão-lógica". Lembre-se de que no nível racional, pela primeira vez, conseguimos levar em conta *possibilidades*, conseguimos experimentar, conseguimos sonhar com alternativas, conseguimos realmente imaginar mundos diferentes e possíveis. Ora, a visão-lógica incorpora essas possibilidades e as vê de uma forma holística ou visionária. Aurobindo a descreveu muito melhor do que eu. Ele a chamou de "mente superior" – que consegue "se expressar livremente com ideias simples, mas seu movimento mais característico é uma ideação em massa, um sistema ou totalidade de ver a verdade em uma única visão; as relações de ideia com ideia, de verdade com verdade ... autovistas no todo integral." A terceira: esse nível tem um sabor visivelmente "existencial". A visão-lógica "soma todas as possibilidades" e o que ela encontra é: a vida é uma breve centelha em um universo totalmente indiferente. Em certo sentido, isso está absolutamente certo. Veja, quando você desiste da magia, do mito e de sua confortável e presunçosa racionalidade científica, onde você está seguro? Quem ou o que o protege? Você desistiu de todos os consolos da infância e da adolescência, mas ainda não descobriu o refúgio da espiritualidade superior e do misticismo genuíno. Portanto, há uma certa atitude corajosa do tipo "o homem é a medida de todas as coisas" nesse estágio. Mais importante ainda, esse estágio exige que aceitemos nossa *finitude* e *mortalidade*. Nenhum deus paternal nos salvará da morte. Temos de enfrentar isso sozinhos, completa e totalmente sozinhos. É por isso que os existencialistas

disseram que "Deus está morto". O deus *mítico* está morto. E é também por isso que os existencialistas, Heidegger por exemplo, definem "inautêntico" como alguém que – acho que esta é uma citação mais ou menos precisa – "não tem a percepção constante e profunda da morte solitária e inesperada". Assim, os existencialistas oferecem uma análise profunda dos "símbolos de imortalidade" que usamos para negar nossa morte, para evitar a consciência de que, como disse William James, o crânio vai de fato sorrir. Os existencialistas – de Kierkegaard, Nietzsche e Dostoiévski a Karl Jaspers, Martin Buber, Paul Tillich e Rollo May – trazem grande sanidade às questões humanas.

QUEST: Portanto, em certo sentido, o nível existencial é o centro coordenador do desenvolvimento mais elevado ou superior, mesmo que, nesse nível, pareça que o espírito não existe.

KW: Na verdade, os níveis racional e existencial combinam-se para nos despir de abordagens infantis e adolescentes do Espírito. Eles eliminam os conceitos mágicos e míticos a respeito do Espírito como um pai cósmico que distribui recompensas pela crença ou condenação eterna pela descrença. Você pode estar no nível existencial e ainda assim crer no Espírito. Você pode, por exemplo, acreditar no Cristianismo místico, que reflete com precisão as dimensões sutis e causais. Mas você ainda terá de se livrar de quaisquer crenças mágicas e míticas remanescentes sobre o Espírito antes de realmente progredir para uma realização mais madura do Espírito. E isto é difícil. Você se encontrará em uma situação realmente perigosa e provavelmente irá negociar com Deus. Essa será uma negociação mágica e mítica. Mas esse deus não existe mais. Temos de perceber isso se quisermos nos preparar para um relacionamento maduro e autêntico com o Espírito. Ninguém vai salvá-lo a não ser você mesmo. Somente você deve se engajar em seu próprio desenvolvimento contemplativo. Existe todo tipo de ajuda disponível e todo tipo de ação para acelerar esse desenvolvimento, mas ninguém pode fazer isso por você. E se você não se envolver nesse desenvolvimento, e no seu leito de morte confessar-se e clamar pela ajuda de Deus, nada vai acontecer. O desenvolvimento espiritual não é uma questão de mera crença. É uma questão de crescimento real, prolongado e árduo, e simplesmente professar fé não faz sentido e não tem impacto. É como fumar durante vinte anos e depois dizer: "sinto muito, parei de fumar". Isto não impressiona o câncer. A realidade, em outras palavras, não está interessada em suas crenças; está

interessada em suas ações, no que você realmente faz, no seu carma real. E é por isso que as visões infantis e imaturas de Deus, que anteriormente foram adequadas, são agora bem prejudiciais para a espiritualidade madura.

QUEST: É irônico que os existencialistas sejam vistos como antiespirituais, já que parecem estar representando o papel de João Batista para Cristo, preparando o caminho para a verdadeira descensão do Espírito.

KW: Sim. Mas lembre-se de que um bom número de existencialistas extremamente influentes foram (e são) o que eles próprios chamam de "existencialistas teístas", como Tillich e Jaspers. E eles acertaram o alvo, creio eu. Deus deve ser reinterpretado, não como um grande papai ou genitor cósmico, mas como a Essência do Ser (Tillich) ou o Mistério radical (Jaspers). Eles não tinham uma compreensão muito boa do desenvolvimento contemplativo; assim, acredito que suas visões se limitam ao nível existencial e suas estruturas básicas. Mas até onde eles chegaram, parecem estar certos.

QUEST: "Até onde eles chegaram" – notei que você usa muito essa frase referindo-se a diversos teorizadores.

KW: Bem, acho que praticamente todo teorizador tem algo importante a nos dizer, e nosso trabalho é incorporar todas essas verdades em uma visão mais abrangente. Ao mesmo tempo, muitos deles negam ou ignoram os estágios de desenvolvimento e as dimensões da realidade superiores, de modo que suas visões são, em geral, parciais e incompletas. Por isso, tento apreciá-los "até onde eles chegaram" e, em seguida, complementar seus *insights* com os de outros que foram além.

QUEST: Você poderia discutir brevemente o senso moral de cada um desses estágios?

KW: Sim. Kohlberg descobriu para os homens e Gilligan para as mulheres que as pessoas passam por três estágios principais de desenvolvimento moral: *pré-convencional*, *convencional* e *pós-convencional*. E esses estágios são basicamente, o mágico, o mítico e o racional. O estágio moral pré-convencional é um tipo de moralidade dos

*Hell's Angels*⁶ – a realidade é o que eu desejo que seja, faço o que eu quero, ninguém se mete comigo, e assim por diante. Algo está moralmente errado se e somente se eu for pego. Ele é chamado de "pré-convencional" porque não reconhece convenções ou regras. É bem narcisista. Esta é a estrutura mágica.

QUEST: Tudo isso muda no nível mítico ou convencional.

KW: O nível mítico, com sua mente regra/papel, entende muito claramente que há papéis a serem imitados e regras a serem obedecidas, e segue adiante com prazer. Na verdade, muitas vezes até exagera. Ele está tão preocupado com regras e papéis, com "se encaixar", que se torna praticamente incapaz de desafiar os papéis ou regras. Ou seja, torna-se um conformista completo. "Meu país certo ou errado." Kohlberg o chama de estágio do "bom menino/boa menina"; Loevinger, de "estágio conformista"; Maslow, de "estágio convencional". Este é o nível mítico, o nível operacional concreto. É uma estrutura bastante sem imaginação, conformando-se com o que quer que esteja ao seu redor. Ela não percebe possibilidades ou alternativas ou "e se".

QUEST: Entendo. A estrutura racional consegue imaginar possibilidades e, então, se torna pós-convencional.

KW: Sim. Uma vez que a estrutura racional pode conceber outras formas além da forma atual de fazer as coisas, ela consegue decidir por si mesma se a forma convencional é a melhor. Como Kohlberg descreve a estrutura pós-convencional, pode-se seguir a moral convencional ou não. A questão é que as convenções recebem um escrutínio crítico com base na lógica e na razão, em princípios universais de raciocínio moral. Essa postura pós-convencional é grandemente ajudada pela capacidade da estrutura racional para introspecção e autorreflexão. Você consegue realmente "olhar para dentro" e decidir o que é certo ou errado, não apenas olhar para fora e fazer o que os outros dizem. A maioria de nossos heróis morais – Thoreau, Gandhi, Martin Luther King – são heróis para nós precisamente porque olharam para dentro, ouviram o som de um tambor diferente e marcharam corajosamente até ele. Isto é pós-convencional no que tem de melhor em inspiração.

⁶ Referência à famosa e controversa gangue de motociclistas retratada no livro "Hell's Angels – Medo e Delírio Sobre Duas Rodas" de Hunter S. Thompson, de 1966. (N.T.)

QUEST: Agora, Kohlberg adicionou um estágio final e mais elevado, não foi? Ele o chamou de "espiritual-universal".

KW: Sim. Esse crédito ele leva para a eternidade. A dimensão espiritual é a próxima, mas essas dimensões superiores – psíquica, sutil e causal – são tão raras que é quase impossível obter dados sobre elas. Então Kohlberg, compreensivelmente, apenas as agrupou como "espiritual-universal".

QUEST: Sempre me pareceu estranho que o nível existencial esteja bem próximo ao nível psíquico. Eles parecem tão antitéticos, tão diferentes, que não vejo como o desenvolvimento psicológico possa passar suavemente de um para o outro.

KW: Na verdade, isso não é diferente do que acontece em todos os outros estágios. Por exemplo, observe os estágios de desenvolvimento do ego de Loevinger, que são amplamente considerados como bem precisos. Seus estágios são: *simbiótico, impulsivo, autoprotetor, conformista, consciencioso-conformista, consciencioso, individualista, autônomo e integrado*. A propósito, esses estágios são, basicamente, o arcaico (simbiótico), o mágico (impulsivo e autoprotetor), o mítico (conformista e consciencioso-conformista), o racional (consciencioso e individualista) e o existencial (autônomo e integrado). Observe a mudança, por exemplo, de autoprotetor para conformista. Essas são posturas diametralmente opostas. Você deixa de ser um *Hell's Angel* para se tornar um bom menino/boa menina conformista. Toda criança passa por isso, e o faz em cerca de seis meses. Assim, após passar por essa troca incrível, quase uma meia-volta, você se torna um bom conformista, e segue para os estágios seguintes: o consciencioso, o individualista, o pós-convencional. Novamente, diametralmente opostos. Da conformidade servil à liberdade de escolha individualista. Longe de a mudança existencial/psíquica ser algo estranho, é simplesmente outro exemplo da "dialética do desenvolvimento": cada nível, em algum momento, esbarra em seu oposto (o que Hegel chama de "negação"); a tese transforma-se em antítese, e estas são finalmente combinadas (ou transcendidas) em uma síntese nova e mais elevada. O desenvolvimento é assim. Cada nível subsequente tem algo em continuidade com seu predecessor e algo extremamente diferente. É isso que torna o desenvolvimento tão repleto de tensão, conflito e ansiedade.

QUEST: OK. Agora, voltando ao tópico principal, ainda não falamos das visões de mundo ou paradigmas psíquico, sutil e causal. Você pode comentá-los brevemente?

KW: Podemos fazer isso rapidamente, eu acho. Da Free John [Adi Da Samraj] escreveu extensivamente sobre as visões de mundo desses três subconjuntos da dimensão espiritual global. Como ele indica, as visões de mundo do psíquico, do sutil e do causal são, respectivamente, a do iogue, do santo e do sábio. Ou, como eu descrevo, há três tipos ou níveis diferentes de espiritualidade ou misticismo genuínos: o misticismo da natureza (ou psíquico), o misticismo teísta (ou sutil) e o misticismo não dual (ou causal), correlacionados, com o iogue, o santo e o sábio.⁷

QUEST: Talvez seja melhor descrever um de cada vez.

KW: Está bem. A visão de mundo iogue é o primeiro passo além do existencialismo. Ela usa ou desenvolve vigorosamente o corpo denso e a mente – exatamente como os humanistas existencialistas –, mas o faz para ir além do corpo denso e da mente em direção às dimensões sutis da existência. Todas as técnicas de ioga, o pranaiama, as posturas de hatha ioga, etc. são formas de "subjugar" o corpo-mente físico e começar a transcendê-lo, livrar-se dele. Se ocorrerem experiências místicas reais neste estágio, elas tendem a ser expansões "horizontais" de consciência e não transformações "verticais" para os níveis sutil ou causal – em outras palavras, buscam uma união com o mundo manifesto da natureza, e não encontram, de fato, um "mundo superior" em Deus e Espírito. Aurobindo foi bem claro sobre isso, assim como Sri Ramana Maharshi, Evelyn Underhill e outros. Portanto, o nível psíquico é, tipicamente, o nível do misticismo da natureza e do misticismo panteísta, ou uma "religião horizontal", uma expansão horizontal, ecológica, uma unidade com o mundo físico ou natural. Novamente, muito correto e útil até onde chega. Quando você rompe o nível existencial pela primeira vez, um dos primeiros tipos de experiência religiosa que você tem tende a ser o misticismo da natureza – você está sentado lá, olhando em volta, sentindo-se perfeitamente isolado, sozinho, finito e mortal; talvez você esteja admirando um pôr do sol ou algo assim, e de repente – bum! – você é um com o sol, um com o oceano, um com toda a paisagem. Você percebe, de uma forma bem concreta e real, que há certamente algo além do seu "ego encapsulado na pele", como diria

⁷ Aqui estou considerando o causal e o não dual como um só.

Alan Watts; você percebe que existe uma dimensão espiritual mais elevada e unificada, e que você participa dessa união em seu próprio ser, que você é um com toda a natureza, com tudo o que vê. Geralmente, essa é uma experiência profundamente devastadora e libertadora, que o livra do nó racional-existencial da vida. Ela é a introdução à dimensão espiritual.

Infelizmente, muitas pessoas param por aqui ou, de algum modo, idealizam demais esse misticismo da natureza panteísta. A dimensão psíquica é um novo paradigma, e passar do racional-existencial para o psíquico é uma importante revolução cognitiva, outra dialética do desenvolvimento, mas é apenas mais um momento no caminho, e não uma visão de mundo definitiva. Deve ser apreciada e acomodada, e, em seguida, calmamente abandonada.

QUEST: Que é o que acontece quando você passa para o nível sutil.

KW: Idealmente, sim. O nível sutil é a visão de mundo do "santo" e a fonte do misticismo teísta, a relação direta da alma com Deus/Deusa. Ainda existe um dualismo sutil entre o eu (alma) e o outro (Deus). Assim, a alma comunga com Deus, ou a alma encontra uma união com Deus, ou a alma pode até mesmo, temporariamente, descobrir uma identidade com Deus. Mas a alma permanece intacta e, em última análise, separada, comungando com suas dimensões superiores ou divinas, ou Deus. Porém, a grande vantagem do nível sutil sobre o nível psíquico é que ele compreende que existe uma dimensão espiritual acima ou além da mera natureza, ou do que você pode ver com seus sentidos físicos. Não é apenas uma união com o mundo físico, mas também uma união com o mundo sutil, que é invisível para os sentidos, invisível para a natureza. Este é o misticismo transcendental dos santos. Os santos possuem halos não porque sejam moralistas, mas porque o estágio sutil consiste em níveis e "anéis" – literalmente – de iluminações audíveis (*nada, shabd*) e divindade revelada como luz, em torno do sexto e sétimo chacra, ou da coroa da cabeça; por isso os santos são universalmente representados com halos de luz divina acima de suas cabeças. Isso não é simbólico; é exatamente o que eles percebem. É uma comunhão ou união direta com o Divino.

QUEST: Isso é bastante claro. Concordando ou não, é bem interessante. OK, e finalmente, o causal?

KW: O causal é a visão de mundo do sábio; é o misticismo não dual. Compreenda, tanto o iogue quanto o santo planejam experiências superiores. Como sujeitos, eles olham para os níveis superiores como objetos. Mas o sábio não está interessado em experiências; o sábio não está interessado em ser um sujeito que olha para objetos mais elevados. O sábio está interessado em dissolver o sujeito por completo, transcendendo o dualismo sujeito-objeto inteiramente e, assim, libertar-se do destino de ser um eu separado, que é, necessariamente, um destino de dor, medo, separação, tempo, história e morte. O sábio não quer ver Deus – embora não haja nada de errado nisso – o sábio quer se livrar completamente do "vedor" separado. E é por isso que os sábios, ao contrário dos santos, são sempre descritos como completamente medianos, normais ou comuns. Os santos têm luz brilhando em suas cabeças, eles têm poderes paranormais ou *siddhi*; as pessoas se aglomeram ao redor deles, tentam tocá-los. Mas os sábios passam despercebidos. Eles transcenderam o senso do eu separado tão inteiramente que não são particularmente perceptíveis. D. T. Suzuki costumava assinar suas cartas como "wu shih", que significa "ninguém especial". Este é o paradigma do sábio. A vida comum e a realidade habitual, livres do senso do eu separado, são em si mesmas definitivas. "Que maravilha, que transcendental isto! Corto lenha, carrego água!", diz um dos mais famosos koans do Zen.

Agora, às vezes os sábios consentem em ensinar e se mostrar ao público, principalmente por compaixão por você e por mim – e então eles se tornam "importantes". Mas não é isso que caracteriza o sábio. De qualquer forma, isto é misticismo não dual que, final e totalmente, transcende a dualidade sujeito/objeto ou eu/outro. Esta é a derradeira mudança de paradigma e, até onde podemos dizer, a revolução cognitiva final. É o retorno *do Espírito ao Espírito como Espírito*, como diria Hegel. Ou, usando várias frases do Zen: é a Grande Morte do senso do eu separado; é a Grande Libertação; é descobrir quem você é antes de seus pais nascerem; é contemplar sua Face Original. E em termos cristãos, é o alfa e o ômega de todo desenvolvimento; em nossos termos, o paradigma final.

QUEST: Mas você acha que o "paradigma final" é de fato "final"? Você crê que essa realização, a realização dos sábios, a percepção do causal, é imutável e para sempre invariável?

KW: Não, não assim. Hegel, na verdade, deixou de pensar que a "iluminação" fosse um estado último, um produto final, para vê-la como um processo eterno. O grande mestre de meditação japonês, Dogen Zenji, provavelmente, seguiu a maior linhagem de desenvolvimento espiritual de todos os tempos. Ele conseguiu reunir praticamente tudo o que se pode dizer sobre o desenvolvimento espiritual em quatro etapas. Dogen disse: "Estudar o budismo" – mas vou tomar a liberdade de mudar a palavra "budismo" para "misticismo", porque é a isso que ele realmente se refere – "Estudar o misticismo é estudar o eu. Estudar o eu é esquecer o eu. Esquecer o eu é ser um com todas as coisas. Ser um com todas as coisas é ser iluminado por todas as coisas, e essa iluminação sem vestígios continua para sempre."

Em outras palavras, a iluminação é um processo, não um estado final, não um produto. Ela continua para sempre... "E essa iluminação sem vestígios continua para sempre..." Esse é o testemunho, a confissão, dos grandes sábios do mundo. E nesse sentido, e apenas nesse sentido, você tem o paradigma final, que continua para sempre como processo... E não envolve nenhum tipo de alvoroço *new age*, de narcisismo ou de eu, eu, eu... Envolve "wu shih" – ninguém especial. Ninguém especial... Você percebe?